

**RUI DE NORONHA** (António Rui de Noronha. Lourenço Marques (hoje Maputo), 28.10.1909 - 25.12.1943). Estudos primários e secundários (incompletos) naquela cidade. Aspirante dos Caminhos de Ferro e subchefe da Repartição de Fiscalização, em Nampula. Teria iniciado a sua actividade literária na revista *Miragem*. Colaboração em jornais e revistas não só moçambicanas como também portuguesas. Poeta, comentador literário, com o pseudónimo de Carranquinha de Aguilar, é em *O Brado Africano* que na década de 30 deixa o melhor da sua produção poética. Postumamente foi-lhe publicado o seu primeiro livro: *Sonetos* (1943). Encontra-se representado em várias antologias de língua portuguesa e outras. Um espólio interessante encontra-se de posse de sua filha, Elsa Noronha, residente em Lisboa. Fátima Mendonça organiza a sua tese de doutoramento sobre este poeta.

## Surge et ambula

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.  
 Dormes! e o mundo avança, o tempo vai seguindo...  
 O progresso caminha ao alto de um hemisfério  
 E no outro tu dormes o sono teu infindo...

A selva faz de ti sinistro eremitério,  
 Onde sozinha, à noite, a fera anda rugindo.  
 A terra e a escuridão têm aqui o seu império  
 E tu, ao tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta. Já no alto adejam negros corvos  
 Ansiosos de cair e de beber aos sorvos  
 Teu sangue ainda quente, em carne de sonâmbula...

Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno...  
 Ouve a voz do Progresso, este outro Nazareno  
 Que a mão te estende e diz — «África, surge et ambula»

*Sonetos. s/d [1943]*

## Carregadores

A pena que me dá ver essa gente  
 Com sacos sobre os ombros, carregadíssima!...  
 Às vezes é meio-dia, o sol tão quente,  
 E os fardos a pesar, Virgem Santíssima!...

À porta dos monhés, humildemente,  
 Mal a manhã desponta a vir suavíssima,  
 Vestindo rotas sacas, tristemente  
 Lá vão 'spreitando a carga pesadíssima...

Quantos, velhinhos já, avós talvez,  
 Dez vezes, vinte vezes, lés a lés  
 Num dia só percorrem a cidade!

Ó negros! Que penoso é viver  
 A vida inteira aos fardos de quem quer  
 E na velhice ao pão da caridade...

*Sonetos, s/d [1943]*

## Passas leve...

*a Jorge Netto*

### I

Passas leve,  
 Levezinha,  
 Como a minha  
 Tentação.  
 Quem me dera  
 Tão ligeiro  
 Teu inteiro  
 Coração...

### II

Passas rindo,  
 Confiada,  
 Doce fada  
 Do sertão.  
 Não te prendam  
 Nos caminhos  
 Os espinhos  
 Da ambição...

### III

Vais correndo,  
 Vão cantando,  
 Vão saltando,



Brandos ais  
Os teus seios  
Negros, duros,  
Como obscuros  
Madrigais...

IV

Os teus olhos  
São pecados  
Que cuidados  
Dão a Deus,  
Quem me dera  
Confessá-los,  
Comungá-los  
Com os meus...

V

Sempre humilde,  
Sempre obscura,  
Que tortura,  
Teu viver?  
És tão linda,  
Tão mimosa,  
Negra, goza,  
Que és mulher!

Lourenço Marques, 25.8.1934  
*O Brado Africano*, n.º 718

À tarde

Não sei o que há de indefinível, vago,  
Na morna luz da tarde,

Que nos envolve de um etéreo afago  
E como que nos arde.

De nós então parece que se evola  
Um fumo de ansiedade  
Que tímido cantando ascende e rola  
Em busca da verdade...

Lourenço Marques, 11.7.1936  
*O Brado Africano*, n.º 815

Soneto

Eu tenho a pagar 10 e na carteira  
Apenas tenho 8. Eis a arrelia.  
Eis-me buscando em mente uma maneira  
De pagar o que devo em demasia.

E fico às vezes nisto todo o dia,  
Um dia inteirinho em estúpida canseira.  
Se busco distrair-me, de vigia,  
Olha-me rir a dívida grosseira.

E entretanto na rua vão passando  
Carros de luxo, altivos salpicando  
O lodaçal dos trilhos sobre mim...

E sinto, na revolta, o algarismo,  
Do trono do brutal capitalismo,  
A rir de nós, os bobos do festim!

Lourenço Marques, 15.2.1936  
*O Brado Africano*, n.º 794

Quenguelequêze!...

Durante o período de reclusão, que vai do nascimento à queda do cordão umbilical das crianças, o pai não pode entrar na palhota sob pretexto algum e ao amante da mãe de uma criança ilegítima é vedado, sob pena de a criança morrer, passar nesse período defronte da palhota. O período de reclusão, entre algumas famílias de barongas, é levado até ao aparecimento da primeira lua nova, dia de grande regozijo e em que a criança, depois de uma cerimónia especial denominada «iandlba», aparece publicamente na aldeia, livre da poluição da mãe.

Quenguelequêze!... Quenguelequêze!...

Quenguelequêêêzeeee

Quenguelequêêêzeeee

Na tarde desse dia de janeiro

Um rude caminheiro

Chegara à aldeia fatigado

De um dia de jornada.

E acordado

Contara que descera à noite a velha estrada

Por onde outrora caminhara Guambe

E vento não achando a erva agora lambe

Desde o nascer do sol ao despontar da lua,

Areia dura e nua.

Depois bebera a água quente e suja

Onde o muloi pousou o seu cachimbo outrora,

Ouvira, caminhando, o canto da coruja

E quase ao pé do mar lhe surpreendera a aurora.

Quenguelequêze!... Quenguelequêze!...

Quenguelequêêêzeeee

Pisara muito tempo uma vermelha areia,  
E àquela dura hora à qual o sol apruma  
Uma mulher lhe deu numa pequena aldeia  
Um pouco de água e «fuma».

guelequêêêzeeee!...

Descera o vale. O sol quase cansado  
Desenrolara esteiras  
Que caíram silentes pelo prado  
Cobrindo até distante as maçadeiras...

Quenguelequêêê...

Vinha pedir pousada.

Ficava ainda distante o fim da sua jornada,  
Lá muito para baixo, a terra onde os parentes  
Tinham ido buscar os ouros reluzentes  
Para comprar mulheres, pano e gado  
E não tinham voltado...

Quenguelequêze! Quenguelequêêêze!...

Surgira a lua nova

E a grande nova

Quenguelequêze! ia de boca em boca  
Numa alegria enorme, numa alegria louca,  
Traçando os rostos de expressões estranhas  
Atravessando o bosque, aldeias e montanhas,  
Loucamente...

Perturbadoramente...

Danças fantásticas

Punham nos corpos vibrações elásticas,  
Febris,

Ondeando ventres, troncos nus, quadris...

E ao som das palmas

Os homens cabriolando

Iam cantando

Medos de estranhas, vingativas almas,  
 Guerras antigas  
 Com destemidas ímpias inimigas  
 E obscenidades claras, descaradas,  
 Que as mulheres ouviam com risadas  
 Ateando mais e mais  
 O rítmico calor das danças sensuais.  
 Quenguelequêze!... Quenguelequêze!...  
 Uma mulher de quando em quando vinha  
 Coleava a espinha,  
 Gingava as ancas voluptuosamente  
 E posta diante do homem, frente a frente,  
 Punha-se a simular os conjugais segredos.  
 Nos arvoredos  
 Ia um murmúrio eólico  
 Que dava à cena, à luz da lua um quê diabólico...  
 Queeezeeee... Quenguelequêêzeeee!...  
 Entanto uma mulher saíra sorrateira  
 Com outra mais velhinha,  
 Dirigira-se na sombra à montureira  
 Com uma criancinha.  
 Fazia escuro e havia ali um cheiro estranho  
 A cinzas ensopadas,  
 Sobras de peixe e fezes de rebanho  
 Misturadas...  
 O vento perpassando a cerca de caniço  
 Trazia para fora um ar abafadiço  
 Um ar de podridão...  
 E as mulheres entraram com um tição.  
 E enquanto a mais idosa  
 Pegava criança e a mostrava à lua  
 Dizendo-lhe: «Olha, é a tua»,  
 A outra erguendo a mão

Lançou direita à lua a acha luminosa  
 O estrepitar das palmas foi morrendo  
 A lua foi crescendo... foi crescendo  
 Lentamente...  
 Como se fora em branco e afogado leito  
 Deitaram a criança rebolando-a  
 Na cinza do monturo.  
 E de repente,  
 Quando chorou, a mãe arrebatando-a  
 Ali, na imunda podridão, no escuro  
 Lhe deu o peito  
 O pai então chegou,  
 Cercou-a de desvelos,  
 De manso a conduziu com [sic] os cotovelos  
 Depois tomou-a nos braços e cantou  
 Esta canção ardente:  
 Meu filho, eu estou contente.  
 Agora já não temo que ninguém  
 Mofe de ti na rua  
 E diga, quando errares, que tua mãe  
 Te não mostrou à lua.  
 Agora tens abertos os ouvidos  
 P'ra tudo compreender.  
 Teu peito afoitará impávido os rugidos.  
 Das feras sem tremer.  
 Meu filho, eu estou contente  
 Tu és agora um ser inteligente.  
 E assim hás-de crescer, hás-de ser homem forte  
 Até que já cansado  
 Um dia muito velho  
 De filhos rodeado,  
 Sentindo já dobrar-se o teu joelho  
 Virá buscar-te a Morte...  
 Meu filho, eu estou contente.  
 Meu susto já lá vai.

Entanto o caminheiro olhou para a criança,  
Olhou bem as feições, a estranha semelhança,  
E foi-se embora.  
Na aldeia, lentamente,  
O estrepitar das palmas foi morrendo...  
E a lua foi crescendo...  
Foi crescendo...  
Como um ai...

Quando rompeu ao outro dia a aurora  
Ia já longe... muito longe... o verdadeiro pai...

Lourenço Marques, 1.8.1936  
*O Brado Africano*, n.º 818

## Mulher

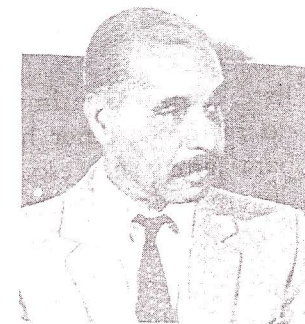
Chamam-te linda, chamam-te formosa,  
Chamam-te bela, chamam-te gentil...  
A rosa é linda, é bela, é graciosa,  
Porém a tua graça é mais subtil.

A onda que na praia, sinuosa,  
A areia enfeitada com encantos mil,  
Não tem a graça, a curva luminosa  
Das linhas do teu corpo, amor e ardil.

Chamam-te linda, encantadora ou bela;  
Da tua graça é pálida aguarela  
Todo o nome que o mundo à graça der.

Pergunto a Deus o nome que hei-de dar-te,  
E Deus responde em mim, por toda a parte:  
Não chames bela — chama-lhe Mulher!

*Antologia temática de poesia africana*, 1976 (Mário de Andrade)



JOSÉ CRAVEIRINHA (José João Craveirinha. Lourenço Marques, 28.5.1922). Com o pseudónimo de Mário Vieira e outros assinou colaboração dispersa pela imprensa. Estudos oficiais na capital moçambicana. Jornalista, funcionário da Imprensa Nacional, cronista, atleta durante o período colonial. Poeta, ensaiou também o conto na imprensa local. Colaboração dispersa por variadíssimos jornais e revistas nacionais e estrangeiras. Representado em antologias publicadas em vários países do mundo. Obras publicadas: Chigubo (1964); Cantico a um dio de Catrane (1966); Karingana ua karingana (1974); Cela 1 (1981); Maria (1988).

## Amor a doer

Beijos.

Carícias.

Este infinito sentimento  
no recíproco amor homem e mulher  
para jamais nos esquecermos de vez  
do amor dos amores mais amados  
o amor chamado pátria!

Mordaças:

Palmatoadas.

Calabouços.

Anilhas de ferro nos tornozelos.

E no infinito amor a doer  
também o infantil beijo dos filhos  
a magoada ternura incansável da esposa  
um cobertor grande e um pequeno para os quatro  
e numa tábua despregada no chão  
escondido o jornal a falar do Fidel.

E nem que nos caia em cima o argumento  
de cigarro na boca e lúgubre revólver em cima da mesa  
não mostraremos o papel guardado na tábua do soalho  
ali a fazer do amor escondido  
o futuro de um povo.

(1958)

*Cela 1.* 1980

## Mãe

Minha Mãe:

Trago a resina das velhas árvores  
da floresta nas minhas veias.

## 50 POETAS AFRICANOS

E a sina de nascença  
no meio das baladas à volta da fogueira  
tu sabes como é sempre uma dor nova  
sabes ou não sabes, minha Mãe?

Sabes ou não sabes  
o mistério de olhos inflamados de macho  
que um dia encontraste no teu caminho  
de tombasana de pés descalços?

Sabes ou não sabes, Mãe  
a resina das velhas árvores plantadas pelos espíritos  
as blasfémias dos mortos salgando as raízes virgens  
e as grandes luas de ansiedade esticando  
as peles dos tambores enraivecidos  
e dando às folhas das palmeiras  
o brilho incandescente das catanas nuas?

E no sabor do encantamento, Mãe  
dos nossos desenfeitados feitiços ancestrais  
o exorcismo ingénuo das tuas missangas  
o maravilhoso meheu das tuas canções  
e o segredo do teu corpo possuído  
mas de materno sangue inviolável  
donde a minha sina nasceu.

No

espaço da tua sepultura de negra  
sabes ou não sabes a verdade  
agora sabes ou não sabes  
minha Mãe?

*Karingana ua karingana, 1974*



## Quero ser tambor

Tambor está velho de gritar  
ó velho Deus dos homens  
deixa-me ser tambor  
corpo e alma só tambor  
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

E nem flor nascida no mato do desespero.  
Nem rio correndo para o mar do desespero.  
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero.  
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra  
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra.  
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra!

Eu!

Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala.  
Só tambor velho de sangrar no batuque do meu povo.  
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Ó velho Deus dos homens  
eu quero ser tambor  
e nem rio  
e nem flor  
e nem zagaia por enquanto  
e nem mesmo poesia.

Só tambor ecoando a canção da força e da vida  
só tambor noite e dia  
dia e noite só tambor  
até à consumação da grande festa do batuque!

Oh, velho Deus dos homens  
deixa-me ser tambor  
só tambor!

*Karingana ua karingana, 1974*

## Ao meu belo pai ex-emigrante

Pai:

As maternas palavras de signos  
vivem e revivem no meu sangue  
e pacientes esperam ainda a época de colheita  
enquanto soltas já são as tuas sentimentais  
sementes de emigrante português  
espezinhadas no passo de marcha  
das patrulhas de sovacos suando  
as coronhas de pesadelo.

E na minha rude e grata  
sinceridade não esqueço  
meu antigo português puro  
que me geraste no ventre de uma tombasana  
eu mais um novo moçambicano  
semiclaro para não ser igual a um branco qualquer  
e seminegro para jamais renegar  
um glóbulo que seja dos Zambezes do meu sangue.

E agora

para além do meu antigo amigo Jimmy Durante a cantar  
e a rir-se sem nenhuma alegria na voz roufenha  
subconsciência dos porquês de Buster Keaton sorumbático  
achando que não valia a pena fazer cara alegre  
e um Algarve de amendoeiras florindo na outra costa  
ante os meus sócios Bucha e Estica no «écran» todo branco  
e para sempre um zinco tap-tap de cacimba no chão  
e minha Mãe agonizando na esteira em Michafutene  
enquanto tua voz serena profecia paternal: — «Zé:  
quando eu fechar os olhos não terás mais ninguém».

Oh, Pai:

Juro que em mim ficaram laivos  
do luso-arábico Algezur da tua infância

mas amar por amor só amo  
 e somente posso e devo amar  
 esta minha bela e única nação do Mundo  
 onde minha Mãe nasceu e me gerou  
 e contigo comungou a terra, meu Pai.  
 E onde ibéricas heranças de fados e broas  
 se africanizaram para a eternidade nas minhas veias  
 e teu sangue se moçambicanizou nos torrões  
 da sepultura de velho emigrante numa cama de hospital  
 colono tão pobre como desembarcaste em África  
 meu belo Pai ex-português.

Pai:

O Zé de cabelos crespos e aloirados  
 não sei como ou antes por tua culpa  
 o «Trinta-diabos» de joelhos esfolados nos mergulhos  
 à Zamora nas balizas dos estádios descampados  
 avançado-centro de «bicicleta» à Leônidas no capim  
 mortífera pontaria de fisga na guerra aos gala-galas  
 embasbacado com as proezas dos leões do Circo Pagel  
 nódoas de caju na camisa e nos calções de caqui  
 campeão de corridas no «xitututo» Harley Davidson  
 os fundilhos dos calções avermelhados nos montes  
 do Desportivo nas gazetas à doca dos pescadores  
 para salvar a rapariga Maureen Ó'Sullivan das mandíbulas  
 afiadas dos jacarés do filme de Tarzan Weissemuller  
 os bolsos cheios de tingolé da praia  
 as viagens clandestinas nas traseiras gã-galhã-galhã  
 do carro eléctrico e as mangas verdes com sal  
 sou eu, Pai, o «Cascabulho» para ti  
 e Sontinho para minha Mãe  
 todo maluco de medo das visões alucinantes  
 de Lon Chaney com muitas caras.

Pai:

Ainda me lembro bem do teu olhar  
 e mais humano o tenho agora na lucidez da saudade  
 ou teus versos de improviso em loas à vida escuto  
 e também lágrimas na demência dos silêncios  
 em tuas pálpebras revejo nitidamente  
 eu Buck Jones no vaivém dos teus joelhos  
 dez anos de alma nos olhos cheios da tua figura  
 na dimensão desmedida do meu amor por ti  
 meu belo algarvio bem moçambicano!

E choro-te

chorando-me mais agora que te conheço  
 a ti, meu Pai vinte e sete anos e três meses depois  
 dos carros na lenta procissão do nosso funeral  
 mas só Tu no caixão de funcionário aposentado  
 nos limites da vida  
 e na íris do meu olhar o teu lívido rosto  
 ah, e nas tuas olheiras o halo cinzento do Adeus  
 e na minha cabeça de mulatinho os últimos  
 afagos da tua mão trémula mas decidida sinto  
 naquele dia de visitas na enfermaria do hospital central.

E revejo os teus longos dedos no dirlim-dirlim da guitarra  
 ou o arco da bondade deslizando no violino da tua aguda  
 [tristeza

e nas abafadas noites dos nossos índicos verões  
 tua voz grave recitando Guerra Junqueiro ou Antero  
 e eu ainda Ricardito, Douglas Fairbanks e Tom Mix  
 todos cavalgando e aos tiros menos Tarzan analfabeto  
 e de tanga na casa de madeira-e-zinco  
 da estrada do Zichacha onde eu nasci.

Pai:

Afinal tu e minha mãe não morreram ainda bem  
 mas sim os símbolos Texas Jack vencedor dos índios

o Tarzan agente disfarçado em África  
 e a Shirley Temple de sofisma nas covinhas da face  
 e eu também é que mudámos.  
 E alinhavadas palavras como se fossem versos  
 bandos de sécuas ávidos sangrando grãos de sol  
 no tropical silo de raivas eu deixo nesta canção  
 para ti, meu Pai, minha homenagem de caniços  
 agitados nas manhãs de bronze  
 chorando gotas de uma cacimba de solidão nas próprias  
 almas esguias hastes espetadas nas margens das húmidas  
 ancas sinuosas dos rios.

E nestes versos te escrevo, meu Pai  
 por enquanto escondidos teus póstumos projectos  
 mais belos no silêncio e mais fortes na espera  
 porque nascem e renascem no meu não cicatrizado  
 ronga-ibérico mas afro-puro coração.  
 E fica a tua prematura beleza realgarvia  
 quase revelada nesta carta elegia para ti  
 meu resgatado primeiro ex-português  
 número UM Craveirinha moçambicano!

*Karingana ua karingana, 1974*

## Grito negro

Eu sou carvão!  
 E tu arrancas-me brutalmente do chão  
 E fazes-me tua mina  
 Patrão!

Eu sou carvão!  
 E tu acendes-me, patrão

Para te servir eternamente como força motriz  
 mas eternamente não  
 Patrão!

Eu sou carvão!  
 E tenho que arder, sim  
 E queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão!  
 Tenho que arder na exploração  
 Arder até às cinzas da maldição  
 Arder vivo como alcatrão, meu Irmão  
 Até não ser mais tua mina  
 Patrão!

Eu sou carvão!  
 Tenho que arder  
 E queimar tudo com o fogo da minha combustão.

Sim!  
 Eu serei o teu carvão  
 Patrão!

*Karingana ua karingana, 1974*

## Hino à minha terra

O sangue dos nomes  
 é o sangue dos homens.  
 Suga-o também se és capaz  
 tu que não os amas.

Amanhece  
 sobre as cidades do futuro.  
 E uma saudade cresce no nome das coisas  
 e digo Metengobalame e Macomia  
 e é Metengobalame a cálida palavra

que os negros inventaram  
e não outra coisa Macomia.

E grito Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!  
E torno a gritar Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!  
E outros nomes da minha terra  
afluem doces e altivos na memória filial  
e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza.

Chulamáti! Manhoca! Chinhambanine!  
Morrumbala, Namaponda e Namarroi  
e o vento a agitar sensualmente as folhas dos canhoeiros  
eu grito Angoche, Marrupa, Michafutene e Zóbuè  
e apanho as sementes do cutlho e a raiz da txumbula  
e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo.  
Oh, as belas terras do meu áfrico País  
e os belos animais astutos  
ágeis e fortes dos matos do meu País  
e os belos rios e os belos lagos e os belos peixes  
e as belas aves dos céus do meu País  
e todos os nomes que eu amo belos na língua ronga  
macua, suaíli, changana,  
xítsua e bitonga  
dos negros de Camunguine, Zavala, Meponda, Chissibuca  
Zongoene, Ribáuè e Mossuril.  
— Quissimajulo! Quissimajulo! — Gritamos  
nossas bocas autenticadas no hausto da terra.  
— Aruângua! — Responde a voz dos ventos na cúpula das  
[micaias.

E o luar de cabelos de marfim nas noites de Murrupula  
e nas verdes campinas das terras de Sofala a nostalgia sinto  
das cidades inconstruídas de Quissico  
dos chindjinguiritanas no chilro tropical de Mapulanguene  
das árvores de Namacurra, Muxilipo, Massinga  
das inexistentes ruas largas de Pindangonga

e das casas de Chinhanguanine, Mugazine e Bala-Bala  
nunca vistas nem jamais sonhadas ainda.  
Oh! O côncavo seio azul-marinho da baía de Pemba  
e as correntes dos rios Nhacuaze, Incomáti, Matola, Púnguè  
e o potente espasmo das águas do Limpopo.  
Ah! E um cacho das vinhas de espuma do Zambeze coalha ao  
[sol  
e os bagos amadurecem fartos um por um  
amuletos bantos no esplendor da mais bela vindima.

E o balir pungente do chango e da impala  
o meio olhar negro do xipene  
o trote nervoso do egocero assustado  
a fuga desvairada do inhacoso bravo no Funhalouro  
o espírito de Mahazul nos poentes da Munhuana  
o voar das sécuas na Gorongoza  
o rugir do leão na Zambézia  
o salto do leopardo em Manjacaze  
a xidana-kata nas redes dos pescadores da Inhaca  
a maresia no remanso idílico de Bilene Macia  
o veneno da mamba no capim das terras do régulo Santaca  
a música da timbila e do xipendana  
o ácido sabor da nhantsuma doce  
o sumo da mampsincha madura  
o amarelo quente da mavúngua  
o gosto da cuácia na boca  
e o feitiço misterioso de Nengué-ua-Suna.

Meus nomes puros dos tempos  
de livres troncos de chanfuta umbila e mucarala  
livres estradas de água  
livres pomos tumefactos de sémen  
livres xingombelas de mulheres e crianças  
e xigubos de homens completamente livres!

Grito Nhanzilo, Eráti, Macequece  
 e o eco das micaias responde: Amaramba, Murrupula,  
 e nos nomes virgens eu renovo o seu mosto em Muanacamba  
 e sem medo um negro queima as cinzas e as penas de corvos de  
 [agoiro

não corvos sim manguavavas  
 no esconjuro milenário do nosso invencível Xicuembo!

E o som da xipalapala exprime  
 os caninos amarelos das quizumbas ainda  
 mordendo agudas glandes intumescidas de África  
 antes da circuncisão ébria dos tambores incandescentes  
 da nossa maior Lua Nova.

*Karingana ua karingana, 1974*

## Manifesto

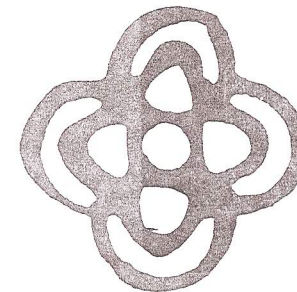
Oh!  
 Meus belos e curtos cabelos crespos  
 e meus olhos negros como insurrectas  
 grandes luas de pasmo na noite mais bela  
 das mais belas noites inesquecíveis das terras do Zambeze.

Como pássaros desconfiados  
 incorruptos voando com estrelas nas asas meus olhos  
 enormes de pesadelos e fantasmas estranhos motorizados  
 e minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos  
 nostálgicas de novos ritos de iniciação  
 duras da velha rota das canoas das tribos  
 e belas como carvões de micaias  
 na noite das quizumbas.  
 E minha boca de lábios túmidos  
 cheios da bela virilidade ímpia de negro  
 mordendo a nudez lúbrica de um pão

ao som da orgia dos insectos urbanos  
 apodrecendo na manhã nova  
 cantando a cegarrega inútil de cigarras obesas.

Ah! Outra vez eu chefe zulo  
 eu azagaia banto  
 eu lançador de malefícios contra as insaciáveis  
 pragas de gafanhotos invasores.  
 Eu tambor  
 Eu suruma  
 Eu negro suaíli  
 Eu Tchaca  
 Eu Mahazul e Dingana  
 Eu Zichacha na confiança dos ossinhos mágicos de tintilho  
 Eu insubordinada árvore da Munhuana  
 Eu tocador de presságios nas teclas das timbilas chopes  
 Eu caçador de leopardos traíçoeiros  
 Eu xiguilo no batuque.  
 E nas fronteiras de água do Rovuma ao Incomáti  
 Eu-cidadão dos espíritos das luas  
 carregadas de anátemas de Moçambique.

*Karingana ua karingana, 1974*





**NOÉMIA DE SOUSA** (Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares; também usou o pseudónimo de Vera Micaia, Lourenço Marques, 20.9.1926). Foi casada com o poeta Gualter Soares. Estudos primários e secundários no Maputo. Veio para Lisboa em 1951 e nesta cidade reside. Foi também funcionária, em Paris, do consulado de Marrocos. Tradutora, jornalista, desde 1975 pertence aos quadros da *Lusa* (agência noticiosa portuguesa). Colaboração em jornais e revistas moçambicanas e portuguesas e está representada em antologias de vários países. Os poemas para aqui seleccionados foram extraídos de um caderno que a autora teria organizado há muitos anos e a que deu o título: «Sangue negro» de que aparecem duas ou três versões ligeiramente diferentes. Alguns destes poemas foram publicados em revistas ou folhas literárias.

## Descobrimento

Ao J. Mendes

Quando a tua mão macia e serena de branco  
se estendeu fraternalmente para mim  
e através Índicos de preconceitos  
apertou com carinho meus dedos mulatos enclavinhados;  
quando teus olhos inchados de compreensão  
pousaram no mapa doloroso do meu rosto de África;  
quando a piroga do teu amor se fez ao mar  
e veio aportar ao meu peito ensanguentado e céptico;  
ah, quando a tua voz doce e fresca como um lanho  
me trouxe a bandeira branca da palavra «IRMÃ»,  
é que eu senti, profunda como um selo em brasa  
verrumando a carne,  
a força terrível e única do nosso abraço fraterno,  
a inquebrável cadeia das nossas mãos enfim juntas,  
a indestrutível resistência da muralha erguida  
por nossas maravilhosas juventudes unidas.

Ah, amigo, quando a tua mão certa e serena de branco  
procurou o desespero da minha mão sem rumo...

5.10.49

## Sangue negro

Ó minha África misteriosa e natural,  
(minha virgem violentada,  
minha Mãe!  
Como eu andava há tanto desterrada,  
de ti alheada  
distante e egocêntrica  
por estas ruas da cidade  
engravidadas de estrangeiros!

Minha mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,  
desta maneira, eternamente,  
ignorando a carícia fraternalmente  
morna do teu luar  
(meu princípio e meu fim)...  
Como se não existisse para além  
dos cinemas e dos cafés, a ansiedade  
dos teus horizontes estranhos, por desvendar...  
Como se nos teus matos cacimbados  
não cantassem em surdina a sua liberdade,  
as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

Como se teus filhos — régias estátuas sem par —,  
ativos, em bronze talhados,  
endurecidos no lume infernal  
do teu sol causticante, tropical,  
como se teus filhos intemeratos, sobretudo lutando,  
à terra amarrados,  
como escravos, trabalhando,  
amando, cantando —  
meus irmãos não fossem!

Ó minha Mãe África, ngoma pagã,  
escrava sensual,  
Mística, sortilêga — perdoa!

À tua filha tresvairada,  
abre-te e perdoa!

Que a força da tua seiva vence tudo!  
E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar  
dos teus tantãs de guerra chamando,  
dundundundun — tantã — dundundundun — tantã  
nada mais que a loucura elementar  
dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...

para que eu vibrasse,  
para que eu gritasse,  
para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!

E vencida, reconhecesse os nossos elos...  
e regressasse à minha origem milenar,

Mãe, minha Mãe África  
das canções escravas ao luar,  
não posso, não posso repudiar  
o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste...  
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,  
ele é mais forte que tudo,  
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!

L.M., 25.2.49

Em seus formais cantos rendilhados  
foste tu, negra...  
menos tu.

E ainda bem.  
Ainda bem que nos deixaram a nós,  
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,  
sofrimento,  
a glória única e sentida de te cantar  
com emoção verdadeira e radical,  
a glória comovida de te cantar, toda amassada,  
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE.

25.7.49

Nossa voz

*Ao J. Craveirinha*

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara  
sobre o branco egoísmo dos homens

sobre a indiferença assassina de todos.  
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão  
nossa voz ardente como o sol das malangas  
nossa voz atabague chamando  
nossa voz lança de Maguiguana  
nossa voz, irmão,  
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade  
e revolucionou-a,  
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.

E acordou remorsos de olhos amarelos de hiena  
e fez escorrer suores frios de condenados  
e acendeu luzes de esperança em almas sombrias de  
[desesperados...]

Nossa voz, irmão!  
nossa voz atabaque chamando.

Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança  
nossa voz farol em mar de tempestade  
nossa voz limando grades, grades seculares  
nossa voz irmão! nossa voz milhares,  
nossa voz milhões de vozes clamando!

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,  
nossa voz gorda de miséria,  
nossa voz arrastando grilhetas  
nossa voz nostálgica de impis  
nossa voz África  
nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra  
nossa voz negra gritando, gritando, gritando!

Nossa voz que descobriu até ao fundo  
lá onde coxam as rãs,  
a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,  
da simples palavra ESCRAVIDÃO.



Nossa voz gritando sem cessar,  
 nossa voz apontando caminhos  
 nossa voz shipalapala  
 nossa voz atabaque chamando  
 nossa voz, irmão!  
 nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!

6.8.1949

## Poema para Rui de Noronha

*(no aniversário da sua morte)*

Nas matas selvagens da nossa terra natal,  
 os trilhos abertos a golpes de catana  
 tomaram uma direcção emocionantemente nova,  
 única e imutável.

Caminho com picos, ah sim, com espinhos,  
 mas caminho para nossos pés lançados,  
 levando-nos para lá, Poeta...

Ante os novos horizontes abertos em dádiva,  
 nossas almas passivas aprendem a querer  
 com força, com raiva,  
 e se erguem, guerreiras, para a dura luta  
 e as bocas são uma linha forte e cerrada  
 no seu não decisivo como sentinela alerta.

Rui de Noronha,  
 nesta nova África de certezas e forças restauradas,  
 no meio das «paixões» e das bebedeiras do Natal,  
 vens-me tu, torturado e solitário,  
 ainda projectado para os fundos abismos do teu eu,  
 mergulhado em verdes precipícios de tédio  
 e insatisfação...

Vens-me sangrando de teus amores, Poeta,  
 teus amores inumanos

com desesperos suicidas e orgulhos brâmanes  
 te tomando toda a vida de Homem.

Mas se tu me vens, Poeta,  
 desarmado e trágico  
 eu te recolho fraternamente  
 na capulana quente da minha compreensão  
 e te embalo com a música da mais doce canção  
 ouvida de minha cocuana negra...  
 E tu dorme, Poeta,  
 dorme teu sono tão desejado,  
 repousa enfim dessas fictícias tragédias só tuas,  
 e não atentes na canção...  
 Deixa que a sua carícia te sare as feridas,  
 mas não atentes nela, não!  
 Que te pode despertar o xipócué do remorso  
 pois traz em si os feitiços mais poderosos  
 dos ngomas do Maputo  
 donde veio minha avó negra.  
 E talvez te pergunte, docemente:  
 ah, que fizeste de mim, Poeta,  
 cego e surdo e insensível,  
 que fizeste de África, Poeta?  
 — Que passaste e não a viste?  
 — que se ergueu e não a sentiste?  
 — que gritou e não a ouviste?  
 E os remorsos te seriam tão dolorosos  
 como matabanhas te invadindo o corpo todo, Poeta!

Ai dorme, dorme, Rui de Noronha,  
 meu irmão,  
 continua dormindo aprisionado  
 na palhota maticada do teu eu.  
 Não atentes na canção — é tarde...

Mas o archote, murcho e fraco,  
que tuas mãos diáfanas mal logravam suster,  
deixa que nós o levemos!  
Embebê-lo-emos na resina das novas ânsias,  
espevitá-lo-emos nas nossas fogueiras acesas,  
manter-lhe-emos a vida chama  
com lume das nossas esperanças sempre renovadas!

E depois, ah depois,  
erguido no alto da Vida como um estandarte  
por nossas brônzeas, fortes mãos  
que sua chama sanguínea de fulgor inextinguível  
nos seja guia e inspiração,  
esporeando a revolta nascida nas veias entumecidas.

Como um cometa  
atravessando a noite de nossos peitos esmagados.

25.12.49

### Magaíça

A manhã azul e ouro dos folhetos de propaganda  
engoliu o mamparra,  
entontecido todo pela algazarra  
incompreensível dos brancos da estação  
e pelo resfolegar trepidante dos comboios,  
tragou seus olhos redondos de pasmo,  
seu coração apertado na angústia do desconhecido,  
sua trouxa de farrapos  
carregando a ânsia enorme, tecida  
dos sonhos insatisfeitos do mamparra.

E um dia,  
o comboio voltou, arfando, arfando...  
oh nhanisse, voltou!

E com ele, magaíça,  
de sobretudo, cachecol e meia listrada  
é um ser deslocado,  
embrulhado em ridículo.

Às costas — ah, onde te ficou a trouxa de sonhos, magaíça? —  
trazes as malas cheias do falso brilho  
dos restos da falsa civilização do compound do Rand.

E na mão,  
Magaíça atordoado acendeu o candeeiro,  
à cata das ilusões perdidas,  
da mocidade e da saúde que ficaram soterradas  
lá nas minas do Jone...

A mocidade e saúde,  
as ilusões perdidas  
que brilharão como astros no decote de qualquer lady  
nas noites deslumbrantes de qualquer City.

L.M., 7.1.50

### Deixa passar o meu povo

*Para João Silva*

Noite morna de Moçambique  
e sons longínquos de marimbas chegam até mim  
— certos e constantes —  
vindos não sei eu donde.  
Em minha casa de madeira e zinco,  
abro o rádio e deixo-me embalar...  
Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.  
E Robeson e Marian cantam para mim  
spirituals negros de Harlem.  
«Let my people go»  
— oh deixa passar o meu povo,  
deixa passar o meu povo! —  
dizem.

E eu abro os olhos e já não posso dormir.  
Dentro de mim, soam-me Anderson e Paul  
e não são doces vozes de embalo.  
«Let my people go»!

Nervosamente,  
eu sento-me à mesa e escrevo...  
Dentro de mim,  
deixa passar o meu povo,  
«oh let my people go!...»  
E já não sou mais que instrumento  
do meu sangue em turbilhão  
com Marian me ajudando  
com sua voz profunda — minha irmã!

Escrevo...  
Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar.  
Minha Mãe de mãos rudes e rosto cansado  
e revoltas, dores, humilhações,  
tatuando do negro o virgem papel branco.

E Paulo, que não conheço  
mas é do mesmo sangue e da mesma seiva amada de  
[Moçambique,  
e misérias, janelas gradeadas, adeuses de magaiças,  
algodoais, o meu inesquecível companheiro branco  
E Zé — meu irmão — e Saul,  
e tu, Amigo doce olhar azul,  
pegando na minha mão e me obrigando a escrever  
com o fel que me vem da revolta.  
Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,  
enquanto escrevo, noite adiante,  
com Marian e Robeson vigiando pelo olho luminoso do rádio  
— «let my people go  
oh let my people go!»

E enquanto me vierem de Harlem  
vozes de lamentação  
e meus vultos familiares me visitarem  
em longas noites de insónia,  
não poderei deixar-me embalar pela música fútil  
das valsas de Strauss.  
Escreverei, escreverei,  
com Robeson e Marian gritando comigo:  
«Let my people go»,  
OH DEIXA PASSAR O MEU POVO!

L.M., 26.1.50

## Godido

*À memória de João Dias*

Dos longes do meu sertão natal,  
eu desci à cidade da civilização.  
Embriaguei-me de pasmo entre os astros  
suspensos dos postes das ruas  
e a atracção das montras nuas  
tomou-me a respiração.  
Todo esse brilho de névoa, ténue e superficial  
que envolve a capital,  
me cegou e fez de mim coisa sua.  
Quando cheguei,  
trazia no olhar a luz verde dos negros simples  
e uma dádiva maravilhosa em cada mão.  
Mas a cidade, a cidade, a cidade!  
Esmagou com os pneus do seu luxo,  
sem caridade,  
meus pés cortados nos trilhos duros do sertão.  
Encarcerou-me numa neblina quase palpável de ódio e desprezo,  
e ignorando a luz verde do meu olhar,  
a maravilhosa oferta

(essa estrela, esse tesouro) de cada minha mão aberta,  
exigiu-me impiedosamente a abdicação  
da minha qualidade intangível de ser humano!

Nas noites frias,  
sem batuque, sem lua,  
as estrelas continuaram brilhando, insensíveis,  
através da cacimba, suspensas dos postes da rua.

Minha consolação:

Minha Mãe silenciosa oferecendo-me suas costas nuas,  
mornas como sol de inverno...

minha Mãe vencendo a cacimba e a solidão,  
para me vir belekar,

humilde e sofredora, com suas tocantes canções de acalantar!

Ah, mas eu não me deixei adormecer!

Levantei-me e gritei contra a noite sem lua,  
sem batuque, sem nada que me falasse da minha África,  
da sua beleza majestosa e natural,  
sem uma única gota da sua magia!

A luz verde incendiou-se no meu olhar  
e foi fogueira vermelha na noite fria  
dos revoltados.

Ainda grito,

porque quero ser ainda, sempre, pela vida fora,  
o que fui outrora:

Rainha nas costas de minha Mãe!

Como tu, meu irmão negro, desorientado e perdido,  
na cidade cruel...

Como tu!

Por isso é que este meu canto ingénuo que soa banal,  
traz no seu fundo mais fundo, Godido, meu irmão  
a marca rubra dum selo fraternal,  
constante e imortal!



RUI KNOPFLI (Rui Manuel Correia Knopfli, 10.8.1932). Estudos primários e secundários em Lourenço Marques. Delegado de propaganda médica, mas também uma assidua actividade no jornalismo moçambicano. Chefe dos Serviços de Imprensa do Embaixador de Portugal em Londres. Poeta, crítico literário e de cinema, com colaboração dispersa em vários jornais e revistas moçambicanas, portuguesas e outras. Co-fundador da revista Caliban. Figura em várias antologias. Obra publicada: O país dos outros (1959); Reino submarino (1962); Máquina de areia (1964); Mangas verdes com sal (1969); A ilha de Próspero (1972); O escriba acocorado (1978); Memória consentida (1982).

## Naturalidade

Europeu, me dizem.  
Eivam-me de literatura e doutrina  
europeias  
e europeu me chamam.

Não sei se o que escrevo tem a raiz de algum  
pensamento europeu.  
É provável... Não. É certo,  
mas africano sou.  
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente  
desta luz e deste quebranto.  
Trago no sangue uma amplidão  
de coordenadas geográficas e mar Índico.  
Rosas não me dizem nada,  
caso-me mais à agrura das micaias  
e ao silêncio longo e roxo das tardes  
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.  
Mas dentro de mim há savanas de aridez  
e planuras sem fim  
com longos rios languês e sinuosos,  
uma fita de fumo vertical,  
um negro e uma viola estalando.

*Memória consentida, 1982*

## Hidrografia

São belos os nomes dos rios  
na velha Europa.  
Sena, Danúbio, Reno são  
palavras cheias de suaves inflexões,  
lembrando em tardes de oiro fino,  
frutos e folhas caindo, a tristeza  
outoniça dos chorões.  
O Guadalquivir carrega em si espadas  
de rendilhada prata,  
como o Genil ao sol poente,  
o sangue de Federico.  
E quantas histórias de terror  
contam as escuras águas do Reno?  
Quantas sagas de epopeia  
não arrasta consigo a corrente  
do Dniepre?  
Quantos sonhos destroçados  
navegam com detritos  
à superfície do Sena?  
Belos como os rios são  
os nomes dos rios na velha Europa.  
Desvendada, sua beleza flui  
sem mistérios.  
Todo o mistério reside nos rios  
da minha terra.  
Toda a beleza secreta e virgem que resta  
está nos rios da minha terra.  
Toda a poesia oculta é a dos rios  
da minha terra.

Os que, cansados, sabem todas  
 as histórias do Sena  
 e do Guadalquivir, do Reno  
 e do Volga  
 ignoram a poesia corográfica  
 dos rios da minha terra.  
 Vinde acordar  
 as grossas veias da água grande!  
 Vinde aprender  
 os nomes de Uanéteze, Mazimechopes,  
 Massintonto e Sábìè.  
 Vinde escutar a música latejante  
 das ignoradas veias que mergulham  
 no vasto, coleante corpo do Incomáti,  
 o nome melodioso dos rios  
 da minha terra,  
 a estranha beleza das suas histórias  
 e das suas gentes altivas sofrendo  
 e lutando nas margens do pão e da fome.  
 Vinde ouvir,  
 entender o ritmo gigante do Zambeze,  
 colosso sonolento da planura,  
 traiçoeiro no bôte como o jacaré,  
 acordando da profundeza epidérmica do sono  
 para galgar os matos  
 como cem mil búfalos estrondeantes  
 de verde espuma demoníaca  
 espalhando o imenso rosto líquido da morte.  
 Vede as margens barrentas, carnudas  
 do Púngoè, a tristeza doce do Umbelúzi,  
 à hora do anoitecer. Ouvi então o Lúrio,  
 cujo nome evoca o lírio europeu,  
 e que é lírico em seu manso murmúrio.  
 Ou o Rovuma acordando exóticas

lembranças de velhos, coloniais  
 navios de roda revolvendo águas pardacentas,  
 rolando memórias islâmicas de tráfico e escravatura.

*Memória consentida*, 1982

### Carta ao poeta Eugénio Evtushenko a propósito de uma suposta autocrítica

Não te arrependas de nada.  
 Um verso está sempre certo  
 mesmo quando errado. A verdade  
 também, mesmo quando dói  
 ou fere ou parece inoportuna.  
 A verdade nunca é inoportuna.  
 O teu inconformismo é o preço  
 da nossa libertação e teus versos  
 florescem no coração do povo.  
 Não. Não te arrependas de nada.  
 Não torças o verso, não obrigues  
 a palavra: um poeta está  
 sempre certo. Não permitas que o óxido  
 dos políticos entre na lâmina  
 dos teus versos. Um poeta não se vende,  
 não se compra, não se emenda.  
 A um poeta corta-se-lhe  
 a cabeça. E uma cabeça  
 cortada não dói, mas tem  
 uma importância danada.

*Memória consentida*, 1982

## Auto-retrato

De português tenho a nostalgia lírica  
de coisas passadistas, de uma infância  
amortalhada entre loucos girassóis e folgedos;  
a ardência árabe dos olhos, o pendor  
para os extremos: da lágrima pronta  
à incandescência súbita das palavras contundentes,  
do riso claro à angústia mais amarga.

De português, a costela macabra, a alma  
enquistada de fado, resistente a todas  
as ablações de ordem cultural e o saber  
que o tinto, melhor que o branco,  
há-de atestar a taça na ortodoxia  
de certas virtualhas de consistência e paladar telúrico.

De português, o olhinho malandro, concupiscente  
e plurirracial, lesto na mirada ao seio  
entrevisto, à nesga de perna, à fímbria de nádega;  
a resposta certa e lépida a dardejar nos lábios,  
o prazer saboroso e enternecido da má-língua.

De suíço tenho, herdados de meu bisavô,  
um relógio de bolso antigo e um vago, estranho nome.

*Memória consentida*, 1982

## Cântico negro

Cago na juventude e na contestação  
e também me cago em Jean-Luc Godard.  
Minha alma é um gabinete secreto

e murado à prova de som  
e de Mao-Tsé-Tung. Pelas paredes  
nem uma só gravura de Lichtenstein  
ou Warhol. Nas prateleiras  
entre livros bafientos e descoloridos  
não encontrareis decerto os nomes  
de Marcuse e Cohn-Bendit. Nebulosos  
volumes de qualquer filósofo,  
maldito, vários poetas graves  
e solenes, recrutados entre chineses  
do período T'ang, isabelinos,  
arcaicos, renascentistas, protonotários  
— esses abundam. De pop apenas  
o saltar da rolha na garrafa  
de verdasco. Porque eu teimo,  
recuso e não alinho. Sou só.  
Não parcialmente, mas rigorosamente  
só, anomalia desértica em plena leiva.  
Não entro na forma, não acerto o passo,  
não submeto a dureza agreste do que escrevo  
ao sabor da maioria. Prefiro as minorias.  
De alguns. De poucos. De um só se necessário  
for. Tenho esperança porém; um dia  
compreendereis o significado profundo da minha  
originalidade: I am really the Underground.

*Memória consentida*, 1982

## Mangas verdes com sal

Sabor longínquo, sabor acre  
da infância a canivete repartida  
no largo semicírculo da amizade.



MANUEL FERREIRA

Sabor lento, alegria reconstituída  
no instante desprevenido, na maré-baixa,  
no minuto da suprema humilhação.

Sabor insinuante que retorna devagar  
ao palato amargo, à boca ardida,  
à crista do tempo, ao meio da vida.

*Memória consentida*, 1982

